

O PENTECOSTALISMO E O CULTO DO DIVINO NA ATUALIDADE

*Rovílio Costa**

Resumo

O pentecostalismo nasceu dos evangélicos, no início do século XX, nos Estados Unidos e na Inglaterra, os quais se separaram das Igrejas da Reforma, na crença da próxima vinda de Cristo e da necessidade do batismo no Espírito Santo. O polímorfo movimento carismático tem características próprias entre protestantes e católicos.

PALAVRAS-CHAVE: Pentecostalismo. Metodismo. Renovação carismática. Batismo do Espírito Santo.

Abstract

Pentecostalism has its origin in the evangelical religions, at the beginning of the last century, in USA and England which have abandoned the Churches of the necessity of the baptism in the Holy Ghost. The varied charismatic movement has proper idiosyncrasy between Protestants and Catholics.

KEY WORDS: *Pentecostalism. Methodism. Charismatic renovation. Baptism in the Holy Ghost.*

1 O ***pentecostalismo*** nasceu do desejo de reavivar o eã religioso dos evangélicos que, no início do século XX, nos Estados Unidos e na Inglaterra, se separaram das Igrejas da Reforma, na crença da próxima vinda de Cristo e da necessidade do batismo no Espírito Santo. Os pentecostais, no Brasil, são 75% dos protestantes, destacando-se a Assembléia de Deus, com cerca de 1.500.000 de adeptos.

* Rovílio Costa é professor aposentado da Fac. de Educação da UFRGS, capuchinho.

<i>Teocomunicação</i>	Porto Alegre	v. 37	n. 158	p. 586-600	dez. 2007
-----------------------	--------------	-------	--------	------------	-----------

O movimento de renovação surgiu dentro do metodismo e das Igrejas Batistas, que, no século XVIII, através de John Wesley, quis renovar o episcopalismo ou anglicanismo e, no século XIX, surgiu, dentro do metodismo, um movimento de renovação, para o qual não bastava a conversão para a salvação, mas se fazia necessário o cristão passar por uma experiência religiosa profunda, denominada *batismo no Espírito Santo*.

O pastor metodista Charles Parham, em 1899, aderiu a esse movimento da *Holiness*, recebendo o batismo do Espírito Santo em Topeka, Kansas (USA), que lhe conferiu o *dom das línguas*, onde ele tinha uma Escola de estudos bíblicos com cerca de 30 alunos. Lendo *At 2, 1-12; 10,44-48; 19, 17*, ele e os alunos concluíram que o sinal do batismo no Espírito Santo é a *glossolalia*, dom das línguas. Empolgado, o grupo passou dias e noites em oração, pedindo a vinda do Espírito Santo. Na passagem de 1901, ocorreu uma experiência na qual alguém falou novas línguas. Durante uma vigília, Agnez Ozman, uma das alunas de Parham, sentiu a necessidade de receber preces com a imposição das mãos, passando, com isso, a falar em outras línguas. Iniciou, assim, o pentecostalismo nos Estados Unidos, considerando a *glossolalia* como sinal do Espírito Santo.

Em 1901, surgiu a primeira congregação pentecostal, nome advindo do desejo de reviver a experiência de Pentecostes, como na origem do cristianismo. Os membros dessa congregação aspiravam a outros dons do Espírito Santo, entre os quais o da cura de doentes, mediante a imposição das mãos e oração de bênção. Ao pastor Parham juntou-se o pastor negro da Igreja Holiness, W. J. Seymour.

Os dois pastores e seus discípulos não queriam fundar uma nova Igreja. Queriam renovar as comunidades protestantes. Quando se viram rejeitados, formaram congregações próprias, denominadas genericamente de *pentecostais*. Logo se espalharam dos Estados Unidos a outros continentes, especialmente a América Latina.

Os grupos pentecostais, em 1914, realizaram a primeira convenção em Hot Springs, no estado de Arkansas. Essa convenção favoreceu a criação das *assembléias de Deus*, que se espalharam com entusiasmo, mas também logo se subdividiram em muitos grupos, originando-se as Igrejas do Evangelho Quadrangular, da Restauração, Pente-

costal Jesus Nazareno, Deus é Amor, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus...

Os pentecostais criticam as Igrejas tradicionais, acusando-as de envolvidas com compromissos mundanos. Nas práticas religiosas, ocorre a comunicação direta com o Espírito Santo, o que gera êxtase espiritual, que leva os crentes a falar línguas estranhas como aconteceu aos apóstolos no Pentecostes. Seus líderes são escolhidos por suas qualidades, independentemente do nível de formação. Qualquer um, independentemente de sua posição hierárquica, pode fazer o que faziam os discípulos de Cristo: curar, profetizar... Nas reuniões, o clima é de relatos, orações e ritmado bater-palmas com cânticos. Dão importância às experiências religiosas e à conversão.

Estima-se em *14 milhões o número de adeptos no mundo*, que de ram origem à renovação carismática católica também.

Entre as *afirmações doutrinárias* dos pentecostais constam: “Somos *luteranos*, no que concerne à *justificação pela fé*, e *batistas* pela aceitação do *batismo administrado por imersão* unicamente aos adultos. Mas nossa particularidade é o batismo do Espírito Santo, presença ativa de Deus que se manifesta através do dom das línguas e do poder de curar. No Evangelho não encontramos nenhuma hierarquia”.

Os pentecostais priorizam o sentimento comunitário, a participação, o entusiasmo de massa, os cultos alegres e simples.

Embora cada assembléia seja autônoma, há algumas características comuns: 1. Prevalência da emoção sobre a razão. 2. Valorização dos fenômenos extraordinários, que fazem vibrar, gritar e aplaudir. 3. Leitura fundamentalista da Bíblia. 4. Centralidade nos interesses humanos, apresentando-se, com fanatismo, milagres, sem senso crítico. 5. Pregação de puro espiritualismo evangélico.

Para os pentecostais, a verdadeira Igreja de Cristo é idêntica à do Pentecostes, com a mesma manifestação do Espírito Santo, com o dom das línguas e o poder de cura pela força milagrosa da oração. No Brasil, enumeram-se como pentecostais as seguintes denominações: 1) As Igrejas *Evangélicas* – Igreja Evangélica Luz do Mundo, Volta de Cristo, Assembléia Cristã Pentecostal, Pentecostal Livre, Pentecostal Cristã, Missionária Pentecostal, Pentecostal Formosa, Pentecostal Unida, Pentecostal de Santana, Pentecostal A Família de Jesus, Pentecostal Mundial de Jesus, Pentecostal da Remissão Cristã, Universal Pentecostal Brasileira, Universal dos Filhos de Deus, Todos Bem-vindos em nome

de Jesus, Resolução Cristã, Pentecostal Unida para Cristo, Pentecostal Jesus é o Caminho, O Mundo para Jesus, Missão Apostólica Brasileira, Cristã Apostólica, Evangélica Pentecostal, da Renovação Espiritual, Maravilha de Jesus, do Deus Vivo, Avivamento Bíblico, do Espírito Santo, Pentecostal o Cristo para o mundo.... 2) *As igrejas* – Evrediana, Cristã Maranatha, de Deus Reavivamento Pentecostal, Remidos no Senhor, de Cristo Jesus... e numerosos agrupamentos denominados Igrejas com concepções e práticas pentecostais, sendo as mais ocorrentes: Assembléia de Deus, Igreja Evangélica Pentecostal, O Brasil para Cristo, a Congregação cristã do Brasil e a Igreja Deus é Amor... Em geral, cada Igreja tem um pastor que se autodefine presidente, e um ou mais auxiliares.

O pentecostalismo brasileiro apresenta três ondas: – 1ª *onda* pentecostal: Congregação Cristã (1910) e Assembléia de Deus (1911). – 2ª *onda*: A Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). – 3ª *onda ou o neopentecostalismo*, nascido do *pentecostalismo autônomo*: A Igreja Universal do Reino de Deus (1977); a Igreja Cristo vive (1980) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) [até aqui, Síntese de – *Religiões, crenças e credences*, de Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 155-9].

2 O *movimento carismático*, ou *neopentecostal*, ou de *renovação carismática* é um movimento contemporâneo, originário da Califórnia, em Los Angeles, em 1906.

1) Para uns, o marco inicial teria sido a *experiência do “batismo no Espírito Santo”*, ao Rev. Dennis Bennett, pároco da Igreja Episcopal de São Marcos, na cidade de Van Nuys, em 1959.

2) Para outros, teria surgido na Associação Internacional de Homens de Negócio para o Evangelho Pleno, na paróquia episcopal de São Lucas, em Seattle, na paróquia episcopal do Redentor, em Houston, Texas, e na Congregação pentecostal de Melodyland.

A Associação Internacional dos Homens de Negócio, além de promover conferências em hotéis, longe das Igrejas históricas, realizava exercícios espirituais no café da manhã, com a presença de pastores convidados. De 1953 em diante, o jornal da Associação menciona, com frequência, *experiências pentecostais*. Exerceram influência, na ocasião, Ralph Wilkerson e David Wilkerson, de Melodyland. As datas do co-

meço do movimento, nas Igrejas históricas, seriam estas: episcopal: 1959, luterana: 1962, católica romana e presbiteriana: 1967, sempre nos Estados Unidos. A origem remota do movimento carismático está no movimento pentecostal propriamente dito, iniciado em 1906.

Semelhanças e diferenças entre pentecostais e carismáticos

A característica fundamental do pentecostalismo é a experiência do Espírito Santo, que vem depois da conversão e se torna evidente pelo falar em línguas e pela absoluta obediência da fé. A fonte bíblica e doutrinária encontra-se em Atos 2,4: “Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem”.

Essa recepção plena do Espírito Santo é tida superior à ênfase que Paulo expressa no *andar no Espírito* e nos *frutos do Espírito Santo*, em Gálatas 5, 15-23: “Andai segundo o Espírito, e não satisfareis aos apetites da carne, porque os desejos da carne se opõem aos do espírito, e estes aos da carne, pois são contrários uns dos outros. É por isso que não fazeis o que queríeis. Se, porém, vos deixais guiar pelo Espírito, não estais sob a lei. Ora, as obras da carne são estas: fornicação, impureza, desonestidade, idolatria, magia, inimizades, contendas, ciúmes, iras, rixas, discórdias, partidos, invejas, embriaguez, orgias e outras coisas semelhantes, contra as quais vos previno como vos preveni: os que as praticarem não herdarão o reino de Deus. Mas o fruto do Espírito é: caridade, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, temperança. Contra estas coisas não existe lei”.

Os pentecostais distinguem a simples recepção da plena recepção do mesmo Espírito Santo. Assim a estabelecem: cada cristão é batizado em Cristo. É o que chamamos de conversão ou regeneração. Entretanto, nem todos são batizados por Cristo no Espírito Santo. O Espírito Santo é o agente do novo nascimento, e o sangue expiatório de Cristo, o meio. Resulta daí a regeneração. No batismo do Espírito Santo, Cristo é o agente (‘Ele batizará com o Espírito Santo’), o Espírito Santo, o meio, dando como resultado o poder do próprio Espírito Santo. Sistematiza-se, dessa maneira, a experiência pentecostal. O batismo do Espírito Santo cumpre a promessa do Pai: Cristo realiza a promessa do Pai (Lc 24,49): “Eu vos mandarei o Prometido do

meu Pai; entretanto, permaneçei na cidade até que sejais revestidos da força do alto”. Essa promessa é descrita segundo o anúncio do Batista em Marcos 1,8 e seguintes. “Ele vos batizará com o Espírito Santo”.

A promessa do Pai

Todos os crentes têm o direito e devem ardentemente esperar e diligentemente procurar a promessa do Pai, o batismo do Espírito Santo e do fogo, conforme a ordem do Senhor. Esta foi a experiência normal de todos na Igreja Cristã primitiva. Com ela veio a investidura do poder para a vida e para o serviço, a outorga dos dons e seus usos no ministério (*Lc 24,49; At 1,4-8; ICor 12,1-31*). Essa experiência maravilhosa distingue-se da experiência do novo nascimento e é posterior à mesma (*At 10,44-46; 11,14-16 e 15,7-9*).

A evidência do batismo do Espírito Santo

O batismo dos crentes no Espírito Santo é testemunhado pelo sinal físico inicial do falar em línguas, na medida em que é Deus quem dá essa fala: “Ficaram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia falar” (*At 2,4*). O falar em línguas é igual ao dom das línguas: “Há diversidade de dons, mas um só Espírito. Os ministérios são diversos, mas um só é o Senhor. Há também diversas realizações, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito comum. A um é dada, pelo Espírito, uma palavra de sabedoria; a outro, uma palavra de ciência, por este mesmo Espírito; a outro, a fé pelo mesmo Espírito; a outro, a graça de curar doenças, no mesmo Espírito; a outro, o dom dos milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, a variedade de línguas; a outro, por fim, a interpretação das línguas. Mas um só e mesmo Espírito realiza todas estas coisas, repartindo, a cada um, conforme lhe apraz” (*ICor 12,4-10,28*).

O *batismo da água* difere do *batismo do Espírito Santo*, que é posterior ao da água, isto é, posterior à conversão. A regeneração seria a primeira etapa a ser coroada pela recepção do poder do Espírito Santo, numa outra etapa, que teria como sinal de evidência o falar em línguas. Tal experiência ocorreria segundo determinadas condições.

Em primeiro lugar, a conversão precede necessariamente à recepção do Espírito Santo. Assim, há muitos convertidos sem o Espírito Santo. A segunda condição é a obediência. O convertido pode obter o Espírito Santo, por meio da obediência. A obediência pode ser ativa ou passiva. A *obediência ativa* consiste em se afastar do pecado, que desagrada a Deus. O crente busca esse afastamento, mediante a expiação de Cristo. Ao se purificar pelo sangue de Cristo, o crente passa por gradual santificação. Na medida em que cresce nessa santificação, pode chegar à experiência do batismo do Espírito Santo. Há outros que advogam o processo instantâneo da santificação. Para estes, a obra da graça tem três etapas: regeneração, santificação (purificação do coração) e o batismo do Espírito Santo propriamente dito. A santificação, como parte da regeneração, representa a fase preparatória para o batismo do Espírito Santo.

Há pentecostais que reconhecem a atuação do Espírito Santo por meio da *obediência*, mas distinguem a simples presença do Espírito Santo e a sua plenitude.

O afastamento do pecado se expressa pela purificação do coração. Essa linguagem vem de Atos 15,8-9: “Ora, Deus, que conhece os corações, testemunhou a seu respeito, dando-lhes o Espírito Santo, da mesma forma que a nós. Nem fez distinção alguma entre nós e eles, purificando pela fé os seus corações”.

Uma das expressões mais repetidas da obediência é a *oração*, que precede à comunicação do Espírito Santo. “Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar coisas boas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai dará o Espírito Santo aos que lho pedirem” (*Lc 11,13*). “Durante a última ceia, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem aí o cumprimento da promessa de seu Pai, que ouvistes, disse ele, da minha boca, porque João batizou na água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo daqui a poucos dias” (*At 1,4-5*).

O Espírito Santo é concedido ao crente, na medida em que o pedir. Deus cumpre a promessa do batismo do Espírito Santo, se o candidato tomar consciência da necessidade do poder do Espírito Santo e o buscar com perseverança e ardor. Não basta qualquer tipo de oração. Ela precisa ser fervorosa. “Pedi e vos será dado. Buscai e achareis. Batei e abrir-se-vos-á, porque todo aquele que pede, recebe. Quem busca, acha. A quem bate, abrir-se-á” (*Mt 7,7*).

A *obediência também é passiva*. Após a busca ardorosa, é preciso esperar a doação dos dons. Essa passividade compreende a submissão ao Espírito Santo e a permanência na comunhão pentecostal. Expressa-se no esvaziamento e na total submissão ao controle do Espírito Santo. Significa a permanência em Jerusalém, até que venha a plenitude do Espírito. Nesse encontro, os candidatos são cercados por atmosfera especial que inclui orações, exortações, glossolalia, etc., para se criar clima favorável ao êxtase.

Quanto à fé, os pentecostais acreditam na fé que apreende Cristo na salvação, distinta da outra fé que apreende a ação do Espírito Santo. Assim, o Espírito Santo, em sua plenitude, não é dado a quem só tiver fé em Cristo. É necessário duplicar a vinda específica do Espírito Santo.

Quando se pergunta a respeito do caráter imerecido da fé, há certa ambigüidade. Eles dizem que o Espírito Santo é dado livremente. Mas também afirmam que é concedido aos que o procuram e pagam o preço. Esse preço é a experiência. Encontramos aí a presença de certo fator polêmico contra a *sola fides*. A fé é necessária, porém com a experiência pentecostal.

Características do movimento carismático

É difícil caracterizar o polimorfo *movimento carismático*, porque há diversos movimentos carismáticos entre os protestantes, e o movimento carismático católico também não é monolítico.

Para o pentecostalismo, o fato de o movimento carismático ter permanecido dentro das Igrejas históricas é sinal de um desvio, pois, se tivesse sido fiel em sua mensagem, teria sido expulso dessas Igrejas. E para o movimento carismático, o pentecostalismo surgiu de uma controvérsia, por isso constitui-se fora das Igrejas históricas, com impulsos sectários. A posição teológica da renovação carismática pode-se estabelecer assim:

“O Deus que invadiu o mundo na pessoa de Jesus Cristo, há quase dois mil anos, voltará de modo semelhante, no futuro. Continua a influenciar o seu povo. Os efeitos de sua real presença devem ser esperados e experimentados em nossas vidas” (Michel Harper).

A semelhança entre o pentecostalismo e o movimento carismático está precisamente nesse efeito e nessa experiência do Espírito

Santo. Assim, quem crê no Espírito Santo precisa experimentar ou passar pela experiência e pelos efeitos do Espírito Santo. Por isso, como o pentecostalismo, o carismático fala em ‘batismo do Espírito Santo’. Mas há diferenças, conseqüentes, talvez, da permanência do movimento carismático nas Igrejas históricas. Vamos examinar quatro dessas diferenças.

1) O batismo do Espírito Santo é o mesmo sacramento da iniciação cristã, com água e em nome da Trindade. Essa iniciação é completa no batismo. Não há dois estágios, um de regeneração e outro de recepção do Espírito Santo.

De maneira semelhante, James D. G. Dunn afirma que o batismo e o dom do Espírito Santo eram parte do evento que levava alguém a se tornar cristão, juntamente com a pregação efetiva do evangelho e a fé em Jesus Cristo como Senhor, mais o batismo com água, em nome de Jesus. Esta é a posição das Igrejas históricas.

2) Os carismáticos aceitam a experiência do “batismo do Espírito Santo”, mas nem sempre empregam essa mesma nomenclatura. Concordam na unidade do batismo e na recepção do Espírito Santo. Assim, o batismo pascal e o pentecostal são a mesma coisa. Entretanto, encorajam a busca da experiência carismática.

3) A maioria do movimento carismático simpatiza com a posição pentecostal e aceita a terminologia do “batismo do Espírito Santo”. Há, entretanto, pequena diferença. Ao invés da experiência dos dois estágios, eles aparecem aqui ao mesmo tempo. Vê o “batismo do Espírito Santo” como parte da iniciação cristã não separada dela. Essa posição rejeita também o falar em línguas como condição necessária da evidência do Espírito Santo, embora a aceite. A maioria dos carismáticos católicos romanos estaria nessa posição.

4) Por fim, há carismáticos que aceitam a posição pentecostal.

Convergências e divergências

Carismáticos e pentecostais convergem na ênfase dada ao efeito e à experiência do Espírito Santo na vida do indivíduo e da Igreja, mas divergem na forma. O movimento carismático é menos dogmático e mais flexível que o movimento pentecostal.

Para os pentecostais, a experiência pentecostal é a redescoberta do cristianismo. Por isso, o pentecostalismo representa a nova Re-

forma da Igreja, superior a todas as reformas e renovações até agora existentes na história da Igreja.

A V Conferência Mundial do pentecostalismo afirmava: “Dizem que o pentecostalismo é a terceira força do cristianismo”. Mas, de fato, é a primeira. Quem poderia negar que o primeiro período da era cristã foi inteiramente pentecostal? A Igreja, porém, não permaneceu nessa pureza original. Por isso, houve a Reforma, que, por sua vez, não teve a plenitude e caiu no formalismo e no ritualismo morto. Deixou aberta a necessidade de reavivamento. Por isso, surgiu o movimento wesleyano. Mas esse exigia novo e maior dinamismo. Assim, surgiu o movimento pentecostal que amadureceu e trouxe frutos, causando também infelizes divisões. Muitos movimentos de renovação, na sua infância, pensaram que estavam restaurando alguma coisa. Mas, depois de exame mais cuidadoso, perceberam que não se tratava de restauração, pois o que pensavam restaurar estava presente na vida da Igreja, só que oculto ou inerte”.

Na verdade, práticas como o ministério da cura, por meio da oração, da imposição das mãos e da unção com o óleo santo, “restauradas” pelo movimento carismático, têm sido, na verdade, continuamente realizadas nas Igrejas históricas, embora tenham sido esquecidas em outras tradições. Os carismáticos divergem dos pentecostais na questão do separatismo. Os pentecostais querem sobrepujá-lo. Aqui vale a pena pensar o concreto: Se alguém for pedir uma bênção a algum ministro das Igrejas históricas, sem qualquer onda de carismatismo, verá que estará a constranger esse ministro, que tem muitos conhecimentos, muitos raciocínios, mas está indeciso na religiosidade do sentimento. Religião cristã, para a maioria, não é para buscar satisfações, mas para tentar ser fiel a leis, verdades e princípios. Já a Imitação de Cristo dizia, enfaticamente: “Não busqueis as consolações de Deus, mas o Deus das consolações”. É a isto que se opõe na prática, tanto o pentecostalismo como o carismatismo.

Outra nota diferenciadora do *movimento carismático* é a ausência de perfeccionismo ou sua limitação. Não obstante, esse movimento teria herdado as tendências pentecostais de perfeccionismo e de separatismo. Mas há muita divergência de interpretação dentro do próprio movimento carismático, que apresenta mais capacidade para

absorver as tensões dentro das Igrejas históricas do que os pentecostais. Por outro lado, é preciso reconhecer que as Igrejas históricas não têm sido compreensíveis e tolerantes com as manifestações pentecostais, e forçaram os grupos dessa tendência a se formarem em novas denominações.

Movimento carismático e misticismo

O misticismo encontra-se em diversas religiões. É o voltar do homem para o transcendental, para o vertical. Acontece, no mundo tecnológico e secularizado, de que os Estados Unidos, sem dúvida, são um ícone. O fervor religioso aparece justamente no mundo onde a secularização, a burocratização e as instituições científicas se estabeleceram com segurança. Os herdeiros da Reforma demonstram considerável animosidade contra o misticismo. A hostilidade protestante consiste no fato de o misticismo representar a tentativa humana de chegar a Deus, por meio de práticas religiosas em contraste, naturalmente, com a *sola gratia*. A questão oscila entre a pretensão humana de alcançar o divino, de um lado, e a receptividade humilde da graça, do outro.

Mas, no próprio misticismo há certos aspectos que poderiam responder à *sola fides* e à *sola gratia*. Por exemplo, o amor não é possessivo, como afirmam alguns místicos. A experiência mística ocorreria exatamente no momento do supremo abandono e passividade. Assim, Deus se apossaria da vida mais do que a vida se apossaria de Deus. Então, o misticismo teria de oscilar, por assim dizer, entre a experiência de ser apossado por Deus e a de querer se apossar dele.

O pentecostal e o carismático querem se apossar e ser apossados por Deus. E isto não confere com as idéias da *apenas necessidade da fé* para ter a graça salvífica do protestantismo histórico, nem o *ex opere operato* da Igreja Católica, que ainda está no subjacente e se equivale à posição protestante. Para as Igrejas históricas, o místico, o carismático, o pentecostal não passam de ingênuos, de fracos e de visionários estrambelhados.

Em outras palavras, há uma dimensão que equivale a não se sentir em casa no cotidiano. A experiência mística traz a surpreendente sensação de não se sentir em casa naquilo que era antes considerado familiar, abrangente, total, real. Assim, no misticismo há senso de contradição entre os valores e aspirações da personalidade, de um lado, e os produtos institucionais, do outro. Essa experiência extática, mesmo interiori-

zada, pode ser um perigo para a ordem vigente. Daí ser importante, para o futuro, a existência de místicos e visionários (Ruben Alves). O místico e o visionário se enquadram no pensar de Sêneca, quando diz: “Pobre não é o que tem poucas coisas, mas o que tem muitos desejos”. As coisas não importam ao místico, e os desejos são dois apenas: possuir e ser possuído por Deus!

Ecumenismo, adoração e corpo

É inegável a influência pentecostal nos grupos carismáticos. Os grupos pentecostais, em geral, são avessos ao ecumenismo. A maioria deles veio de redutos evangélicos conservadores. Para eles, a base da fé cristã e da ação de Deus é a conversão e a salvação do indivíduo como eventos, muitas vezes, isolados e momentâneos; a Bíblia, como a norma infalível e única fonte de fé, e sua interpretação acentuadamente legalista; posicionamento anticatólico.

A Conferência dos Carismáticos, em 1977, em Kansas, Estados Unidos, teve a participação de 49% de católicos romanos, ao lado de outras denominações protestantes (episcopais, metodistas, luteranos, batistas) e de judeus messiânicos. Os carismáticos anglicanos interessam-se pelo diálogo com os católicos romanos, em nível internacional. Entretanto, é legítimo indagarmos se a visão carismática da unidade da Igreja não se limita demasiadamente à experiência do Espírito Santo, individual, enquanto, por exemplo, para as Igrejas históricas, a unidade da Igreja está em função da unidade final de toda a criação, desejada por Deus, e os pentecostais e carismáticos favorecem o individualismo, com demasiada ênfase na salvação pessoal. E as Igrejas históricas, com a católica, sempre mais encaminham à salvação em comunidade, resultância da própria reza do Pai-nosso.

Os cultos de adoração e o entendimento da adoração são outro ponto discutível. *Adoração* é a submissão de toda a nossa natureza a Deus, é vivificação da consciência pela sua santidade; o sustento da mente com a verdade de Deus; a purificação da imaginação pela sua beleza; a abertura do coração pelo seu amor; a submissão da vontade ao seu propósito – tudo reunido em adoração que é a emoção mais despreendida de que é capaz a natureza humana. Adoração a Deus que se realiza pelo corpo, por isso as pentecostais e carismáticas envolvem-se corporalmente nas manifestações de adoração, o que para as históricas é rejeitado pela maioria, tolerado por poucos e ridicularizado por muitos, ou visto como mera teatralização.

E aqui podemos abrir um parêntese e dizer que as diferenças práticas estão na aceitação da fé-sentimento contra a fé-razão. Mas o sentimento também é bíblico: “Exorto-vos, irmãos, pela misericórdia de Deus, que apresenteis vossos corpos como uma hóstia viva, santa e agradável a Deus, à maneira de um culto espiritual. Não vos conformeis com este mundo, mas reformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que saibais aquilatar qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito” (*Rm 12, 1-2*).

É preciso examinar a concepção bíblica do corpo como a possibilidade do relacionamento, da comunidade e da Igreja. Afirmar e viver que a Igreja é o Corpo de Cristo são coisas diferentes. Já se dançou no culto, coisa proibida na Idade Média. Os carismáticos, por sua vez, restauraram a prática da dança no culto, entendendo que a adoração a Deus se faz por meio do corpo. A dança expressa a libertação. Por isso, os cantos ritmados e dançados, com evoluções de cunho místico-corpóreo (até aqui idéias tiradas de “Perguntas ao movimento carismático” de Sumio Takatsu, em *Religiosidade popular e misticismo no Brasil*. S. Paulo: Paulinas, 1984, p.63-74).

Entre os enfoques dos cultos pentecostais, temos os dias de cultos para pedir prosperidade, oração pela família, oração de libertação, oração de curas, bênção completa, celebrações do descarrego, celebração do Espírito Santo... sempre tentando descer ao campo prático. O descarrego, por exemplo, se baseia em dois princípios fundamentais para essas práticas. Não basta acreditar em Deus, é preciso também se libertar do demônio, o antagonista de Deus que, por sua Igreja, será vencedor. “As portas do inferno não prevalecerão contra ela”, tornar-se-á realidade, se nos desfizemos do maligno. É ele que provoca, segundo um portal de libertação de uma Igreja pentecostal moderna, ou nos induz à mágoa, angústia, traição, separação, doenças, carro velho, maldição, amante, serasa, solidão, desemprego, tristeza, comodismo, brigas, dívidas, aluguel, falências, vícios, SPC...

O libertar-se do demônio e o salvar-se como empreendimento individual transparece até nas ajudas de pentecostais à busca de carteira de identidade, CIC, carteira de trabalho, Título de eleitor, agendamentos médicos...

Religiosidade voltada ao individual, avessa ao caminho da constituição de comunidades cristãs comprometidas.

Muitas igrejas aconselham os fiéis a não contarem os próprios problemas e dúvidas a ninguém, porque podem não entender, ou o espírito do mal, que está nelas, pode prejudicar mais ainda. É uma maneira de manter a dependência dos fiéis.

No final de uma história, de uma teoria, e uma busca de manifestações práticas, cabe observar:

1^o) O surgimento das pentecostais foi uma questão de diálogo, de entendimento e de presunção da verdade unilateral, quase uma reserva de mercado, que a Igreja católica, durante muito tempo, voltada para si, proclamava: “Fora da Igreja não há salvação”.

2^o) O rigorismo legalista coloca a lei como mediador para Deus, muito mais ameaçador, enquanto Cristo nos diz – “Eu vim não abolir, mas completar a lei e os profetas”.

3^o) A preocupação das Igrejas históricas são os conhecimentos religiosos e teológicos, pressupostos para a práxis, enquanto Cristo não pediu aos seus apóstolos diploma da Universidade de Jerusalém, mas lançou o convite: “Quem quiser vir após mim, tome a sua cruz e me siga”.

4^o) As pentecostais ameaçam com o demônio, origem dos infortúnios e das maldades, e as históricas ameaçam com o pecado.

5^o) Falta um pouco a todas apostar na graça, no Deus-amor, na vida em abundância para todos e no sonho de Cristo de que todos sejamos uma família unida.

Enfim, as Igrejas históricas hão de convir em deixar liberdade aos seus fiéis de se deixarem possuir por Deus e de cultivarem a consciência do direito de serem possuídos por Deus. *In medio stat virtus*. No equilíbrio está a coerência.

Se eu dissesse que entendi o fenômeno do divino, nos Açores, seria mentiroso. Mas me sinto plenamente livre em dizer que percebi muito mais Deus no povo do que nas instituições. E os fiéis açorianos não se preocuparam em sair das instituições, mas em viver o seu e nosso Deus, dom de Cristo, o Espírito da Verdade que ele nos manda da parte do Pai.

Não fossilizemos a devoção do Divino, com elucubrações e estudos, olhares críticos, análises arbitrárias, interesses turísticos, mas

olhemos os Açores nas Festas do Divino como, a cada ano, a renovação do paraíso terrestre.

Abdiquemos dos critérios do direito de indicar às pessoas como encontrar a Deus e de indicar a Deus como encontrar as pessoas! É mais barato, em termos humanos, para Deus nos agraciar com o seu Espírito do que o ato de nos criar!